



Manifiesto Feminista

2

“Al compás compañeras, al compás, esta es nuestra pena y nuestra lucha, al compás compañeras, al compás, este es nuestro fuego”.

Pascuala Ilabaca

PORTUGUÊS / ESPANHOL

Até quando?!!

mariam pessah¹

Acordei com o rosto cheio de perguntas. Elas emergiam direto da raiva

: Até quando? : Até quando? : Até quando? : Até quando?
: Até quando? Deusas.

: Até quando nos deixaremos matar?

Acordei com o corpo enfurecido. Em chamas.

Até quando? Até quando deixaremos o capitão - outrora expulso do exército - seguir brincando de soldadinhos conosco?

Até quando deixaremos o seu cúmplice “novo” presidente da Câmara continuar segurando os mais de 60 pedidos de Impeachment?

Até quando pessoas nas ruas sem máscaras?

Até quando pessoas nas ruas com fome?

Até quando pessoas com fome nas casas?

Até quando 4.000 mortes diárias?

¹ mariam pessah nasceu na Argentina e mora há 20 anos em Porto Alegre. É aRTivista feminista, fotógrafa desativada, escritora e poeta. Graduada em Escrita Criativa pela PUCRS. Seu livro mais recente publicado é Grito de mar, Editora Taverna, 2019, e também participou de coletâneas e antologias. Organiza há 4 anos o Sarau das minas/Porto Alegre que tem objetivo de visibilizar a literatura de autoria de mulheres/não binárias. Atualmente ministra oficina de Escrita e criatividade feminiSta, também trabalha como tradutora e está escrevendo uma novela.

Acordei me perguntando como é possível a gente seguir comendo e bebendo e caminhando em cima de uma montanha de 4.000 mortes diárias.

Tá tão difícil respirar em cima da ossada!

Fede. Aqui tudo fede! Tamos apodrecendo. Parecemos um quadrinho de Mafalda, só que como estamos do lado de cá, não nos enxergamos do lado de lá. Tamos fedendo e fodidxs, sem ter tido prazer nenhum.

Não quero! Não quero ser cúmplice deste momento. Quero sair, escapar desse quadrinho que está me afogando. Nos afogando. As paredes diminuem cada vez mais, se aproximam, a água não sobe, ela seca, ela some. Ela escapa? Mas as paredes estão em movimento contínuo, quando não aceleram. Elas vão nos tocar e apertar e oprimir e comprimir.

Como é que não estamos vendo? Como é que não fazemos nada? n a d a

Quero que possamos reagir e agir. **Não quero ser cúmplice deste momento.** Quero sair e escapar, mas não adianta, não se sai sozinha - nem quero - desta guerra, deste quadrinho. Como deter a mão do capitão? do Covid que veio a servi-lo tão bem?

Temos que sair juntxs. Criar uma janela, uma porta, fazer girar a maçaneta. No início do governo se dizia : Ninguém solta a mão de ninguém. Essa frase esteve até na sopa de quem não come sopa. Às vezes tenho a sensação de que é mais fácil repetir uma mesma frase até o cansaço do que fazer girar a maçaneta. Mas para girá-la temos que criar uma estratégia, não se sai sozinha desta guerra e não adianta botar fé na telepatia. Não há telepatia na revolução. Mas revolução rima com ação, com razão, com emoção e sensação. Também com canção. (depois a gente procura (a) ordem)

Eu vim escrever, vim chamar vocês / vozes, vim pedir ajuda, vim tentar nos acordar e dizer

EEIIII!! estão nos matando!

Não é que a gente não veja luz no fundo do túnel, é que até o túnel sumiu. Estamos num porão. O nosso quadrinho tá embaixo da montanha de ossos. As pessoas morrem e vão subindo, como as almas. Estamos num porão que, a sua vez, é um labirinto. É um podrão.

Vamos buscar as ferramentas? Abrir uma janela e uma porta e criar uma escada e ver que há em outro lado?

A melhor forma de poder mudar a realidade é não se adaptando a ela. Talvez a gente esteja vivendo uma outra coisa. E por isso continuamos. Achamos que estamos avançando num túnel, porque não aceitamos o porão. Porém, porão : não te aceitamos!

, não nos adaptamos e **vamos sair!**

Quando não se sabe que não se pode sair, **é quando é mais fácil de sair.**

Não aceitemos esta realidade!

Realidade inaceitável!! O aceitável é a necessidade de mudar, de atuar, de agir, de gritar. necessitamos **AR**.

Acordemos! O ar está acabando e aqui, está difícil de respirar. Temos pouco tempo. Precisamos nos organizar.

Por isso, eu vim escrever, vim chamar vocês / vozes, vim pedir ajuda, vim tentar nos acordar e dizer

EEIIII!! estão nos matando!

V a m o s a g i r ?

Hasta cuándo?!!

mariam pessah

Me desperté con la cara llena de preguntas. Ellas
subiéndome directo de la rabia

: Hasta cuándo? : Hasta cuándo? : Hasta
cuándo? : Hasta cuándo? : Hasta cuándo?

D i o o o o o s a s .

: Hasta cuándo? nos dejaremos matar?

Me desperté con el cuerpo enfurecido. En llamas.

Hasta cuándo? Hasta cuándo? dejaremos al capitán
- otrora expulsado del ejército - seguir jugando a los
soldaditos con nosotrxs?

Hasta cuándo dejaremos a su cómplice “nuevo”
presidente de la Cámara de diputadx continuando cajoneando
más de 60 pedidos de Impeachment?

Hasta cuándo personas en las calles sin barbijos ?

Hasta cuándo personas en las calles con hambre?

Hasta cuándo personas con hambre en las casas?

Hasta cuándo 4.000 muertes diarias?

Me desperté preguntándome cómo es posible que sigamos comiendo y bebiendo y caminando encima de una montaña de 4.000 muertes diarias.

Está tan difícil respirar encima de esqueletos!

Apesta. Aquí todo apesta! Estamos pudriendo. Parecemos una historieta de Mafalda, sólo que como estamos de este lado, no nos vemos del otro. Estamos apestando y jodidxs, ningún placer.

No quiero! No quiero ser cómplice de este momento. Quiero salir, escapar de esta tirita que me está ahogando. Nos está ahogando. Las paredes disminuyen cada vez más, se aproximan, el agua no sube, se seca, se escapa. Se estanca. Pero las paredes están en movimiento continuo, cuando no aceleran. Nos van a tocar y apretar y oprimir y comprimir.

Cómo es que no estamos viendo? Como es que no hacemos nada? n a d a

Quiero que podamos reaccionar y salir. **No quiero ser cómplice de este momento.** Quiero salir y escapar, pero no alcanza, no se sale sola - ni quiero - de esta guerra, de la tirita. Como detener la mano del capitán? del Covid que vino a servirlo taaaan bien?

Tenemos que salir juntxs. Crear una ventana, una puerta, accionar la manija. En el inicio del gobierno se escuchaba :

“Nadie suelta la mano de nadie”. Esta frase estuvo hasta en la sopa de quien no come sopa. A veces tengo la sensación de que es más fácil repetir una misma frase hasta el cansancio que bajar la manija. Pero para accionarla, tenemos que crear una estrategia, no se sale sola de esta guerra y no alcanza con apostar a la telepatía. No hay telepatía en la revolución. Aunque revolución rima con acción, con razón, con emoción y sensación. También con canción. (después las pensamos en orden.)

Yo vine a escribir, vine a llamarlxs, a pedir ayuda, a intentar despertarnos y decir

: EEYYYY!! nos están matando!

No es que no veamos la luz al final del tunel, es que hasta el tunel desapareció. Estamos en un sótamo. Nuestra tiritita está debajo de una montaña de huesos. Las personas van muriendo y subiendo, como las almas. Estamos en un sótano que, a su vez, es un laberinto. Es un lugar podrido.

Vamos a buscar las herramientas? Abrir una ventana y una puerta y crear una escaler y ver qué hay del otro lado?

La mejor forma de poder cambiar la realidad es no adaptándose a ella. Tal vez estemos viViendo

otra cosa. Por eso continuamos. Nos creemos que estamos avanzando en un túnel, porque no aceptamos el sótano. Salgamos del sótano : no lo aceptemos!

, no nos adaptamos y **vamos a salir!**

Cuando no se sabe que no se puede salir, **es cuando es más fácil de salir.**

No aceptemos esta realidad! Realidad inaceptable!! Lo aceptable es la necesidad de **cambiar**, de **actuar**, de accionar, de **gritar**. necesitamos **AR**.

Despertemos! El aire se está acabando y aquí, está difícil de respirar. Tenemos poco tiempo. Precisamos organizarnos.

Por eso, yo vine a escribir, vine a llamarlxs, a buscar sus voces, a pedirles ayuda, a intentar que nos despertemos y a decir

: EEYYYY!! nos están matando!

V a m o s a reaccionar ?



Conheça o projeto editorial feminista da Editora Luas e seu catálogo composto de livros escritos exclusivamente por mulheres:
www.editoraluas.com.br

Idealização/Edição: Cecília Castro
Projeto gráfico: Letícia Santana Gomes
Diagramação: Daniella Fernandes

Siga-nos nas redes sociais para acompanhar nossas publicações:



@editoraluas



Facebook/editoraluas



Editora Luas